

## Resenha

### **VON BÜLOW, Marisa. *A Batalha do Livre Comércio: a construção de redes transnacionais da sociedade civil nas Américas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.<sup>1</sup>**

Lucas Amaral

*Universidade de Brasília*

“A Batalha do Livre Comércio: a construção de redes transnacionais da sociedade civil nas Américas” é a tradução para o português da obra “*Building Transnational Networks*”, publicada pela *Cambridge University Press* nos Estados Unidos em 2010. Fruto de desdobramentos da tese de doutorado de Marisa Von Bülow pela *John Hopkins University*, o livro ganhou o prêmio Luciano Tomassini pela Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA), em 2012, e já pode ser considerado referência internacional nas discussões sobre a ação coletiva transnacional<sup>2</sup>. Foram quatro anos de pesquisa de campo e mais de 200 entrevistas para que a socióloga política chegasse até a versão final deste trabalho, agora publicado pela Fundação Editora Universidade Estadual Paulista (Unesp). De modo geral, a questão que guia o trabalho é: quais foram as transformações e reações ao longo do tempo e quais as variações no espaço da ação de organizações da sociedade civil (OSCs) nas Américas no posicionamento frente às negociações sobre comércio no continente desde a década de 1990? A autora busca responder a perguntas em termos do que chama de “caminhos organizacionais” e “caminhos ideacionais” tomados pelas Organizações da sociedade civil (OSCs) frente a esses processos políticos complexos. Estes caminhos levam em consideração a interação das oportunidades políticas em ambas as escalas e seus impactos.

A obra, dividida em cinco partes e 11 capítulos, ao longo de 293 páginas, mune-se das seguintes questões: a perspectivas das redes sociais; o enquadramento discursivo da ação coletiva; a batalha do livre comércio como processo político complexo a ser estudado nas variáveis tempo e espaço em sua multiplicidade, e como tema que perpassa não somente as discussões comerciais em si, mas questões sobre desenvolvimento e governança global (p. 257)<sup>3</sup>. A partir destes pontos, a autora define “ação coletiva transnacional”, tema principal da obra, “como o processo pelo qual indivíduos, grupos e/ou organizações não estatais (organizações da sociedade civil<sup>4</sup>) se mobilizam conjuntamente em torno de temas, objetivos e alvos que vinculam as arena doméstica e

---

<sup>1</sup> Agradeço os comentários dos cientistas políticos Luis Felipe Miguel, Flávia Biroli e Rebecca Abers.

<sup>2</sup> Marisa Von Bulow foi orientada por Margaret Keck, influente autora de livros sobre redes transnacionais e participação social em defesa de políticas de meio ambiente, entre os quais “*Greening Brazil*” (Hochstetler e Keck, 2007).

<sup>3</sup> Esta sessão busca levantar esses pontos que permeiam todo o trabalho, ao mesmo tempo tecendo comentários críticos à obra e situando-a diante da literatura que a tangência.

<sup>4</sup> Organizações da sociedade civil (OSCs) são definidas por von Bulow como “atores políticos institucionalizados que buscam moldar as regras que governam a vida política e social de fora dos partidos políticos e do Estado” (p. 17). Uma questão teórica-metodológica importante neste estudo é o recurso de múltiplos níveis de análise para captar as categorias, na busca de ir além da oposição entre as categorias de estado e sociedade civil tomada normativamente.

internacional” (p. 15-16). Definição sucinta, mas que busca ser operacional e se distanciar da perspectiva normativa sobre participação social<sup>5</sup>.

Segundo a autora, a interação entre as OSCs é foco principal de sua análise, porque tal interação pode levar a mudanças na forma como atores enxergam seus papéis e interesses na ação coletiva. Assim, é essencial identificar a origem dos vínculos e ver como se transformam. As redes são preexistentes à ação dos atores e são meios através dos quais se constroem novos vínculos. Estes vínculos são, por sua vez, obstáculos ou facilitadores para ações futuras.

O fenômeno da transnacionalização da ação coletiva tende a enfatizar vantagens dos vínculos informais, difusos e flexíveis. OSCs passam a perceber o tema das negociações comerciais entre países vizinhos como temas tangentes a seus interesses prioritários na área doméstica. Algumas, assim, iniciam um trabalho de aproximação através de vínculos informais e, aos poucos, ensejam atuação em coletivos com tendência a se constituir em formas pouco hierarquizadas e bastante flexíveis de ação. Em alguns momentos, tais OSCs aproximam-se com distintos graus de intensidade umas das outras, a depender do contexto político e da avaliação dos riscos para as agendas enfrentadas ou de acordo com o maior envolvimento ou não dessas OSCs nas coalizões.

Perceber essa ação coletiva em termos de redes sociais, portanto, contribui para situar os atores em relações preexistentes, bem como entender a ação coletiva fora de uma noção de hierarquias centralizadas. As redes são muito mais flexíveis e adaptáveis do que as formas organizacionais hierarquizadas (p. 48).

Uma fragilidade do trabalho é que este carece de enxergar mais as redes não somente como redes de relações, mas como redes de significados, ou seja, redes que são produzidas e reproduzidas pela interação comunicativa entre os atores. Para se participar das redes, é necessário um enquadramento das molduras interpretativas dos diferentes atores envolvidos. A grande questão é que alguns atores ficam de fora dessas redes, pois se elas incluem, também excluem; se elas permitem falar, também silenciam. Neste sentido, seria interessante explorar como funcionam as barreiras de entrada a essas redes transacionais de ação coletiva.

Apesar disso, uma grande qualidade do trabalho é que, ao lidar com as redes transnacionais, Marisa von Bülow não perde de vista as relações de poder inerentes as relações políticas ensejadas entre OSCs, que envolvem assimetrias e conflitos entre os atores (p. 253). Trata, portanto, o problema como uma questão empírica e não normativa. Ela busca estabelecer se essas relações levam a arranjos de governança flexíveis ou não. Assim, ao se dar ênfase nas redes sem perder de vista a agência, as capacidades, estratégias, recursos e trajetórias dos atores, permite-se observar porque alguns atores operam de uma forma e outros não. É possível afirmar que poucos estudos

---

<sup>5</sup> Dada a complexidade deste conceito o estudo utiliza múltiplos recursos metodológicos combinados pela pesquisadora, tendo como foco tanto a interação (redes), quanto a agência dos atores. A autora reuniu em sua análise o olhar para as interações dinâmicas e as influências que cruzam as escalas doméstica e internacional, sem dicotimizá-las, observando e mensurando a combinação ambígua de alvos, redes, discursos e objetivos dos atores coletivos. Tal tarefa se fez através do uso de questionários, da análise histórica e contextual da atuação das OSCs, de entrevistas semi-estruturadas em diferentes momentos com uma pluralidade de atores-chave, e análises de dados que combinam técnicas quantitativas, o uso de sociogramas, aprofundadas descritiva e qualitativamente com informações obtidas de diversas fontes documentais e mais entrevistas feitas em diferentes momentos e contextos com uma pluralidade de atores-chave.

conseguem avançar nos mecanismos relacionais concretamente envolvidos nos fenômenos estudados como faz este<sup>6</sup>.

Outra questão que merece ser colocada em destaque numa leitura cuidadosa do livro diz respeito ao que Marisa von Bülow chama de “caminhos ideacionais” tomadas pelas OSCs em suas atuações transacionais em crítica aos acordos comerciais nas Américas. Um desafio clássico na literatura sobre ação coletiva relaciona-se ao consenso ou ausência dele no que tange a propostas comuns desta ação. A noção de “enquadramento discursivo” (p. 51), é utilizada na pesquisa para buscar entender como atores operam um conjunto coerente de demandas e normas que visem mudanças de mais longo prazo na governança global. Os seus caminhos ideacionais são diversos nas possibilidades de participação dos atores nos debates sobre alternativas. Quatro tipos de mecanismos relacionais ajudam a entender como OSCs tentaram compatibilizar diferentes escolhas na sua atuação transnacional<sup>7</sup>.

Por fim, a transnacionalização da atuação de OSCs não é fenômeno recente, vide o movimento abolicionista que durou do final do século XVIII até o século XIX e as relações entre sindicatos nacionais entre as décadas de 1960 e 1980 em âmbito internacional confrontando-se entre as duas posições ideológicas predominantes na ordem mundial no contexto da Guerra Fria. No entanto, desde a década de 1990 o fenômeno intensificou-se bastante no mundo todo, em especial nas Américas. O trabalho de Marisa von Bülow, atentando-se para estas mudanças e buscando transcender as fronteiras nacionais ao analisar (o fenômeno que por si só as transcende), a ação coletiva nacional e internacional de OSCs no Brasil, Chile, México, Estados Unidos e Canadá, preenche uma lacuna importante nos estudos latino-americanos sobre organizações da sociedade civil, movimentos sociais e sua participação política em um contexto globalizado.

---

<sup>6</sup> A autora desenvolve quatro categorias para analisar “os caminhos para a transnacionalização” ensejados pelas OSCs. Primeiramente, se observa a *internacionalização temporária*, “caminho onde OSCs tentam influenciar decisões internacionais ou debates transnacionais privilegiando alvos, estratégias e iniciativas de formação de alianças no nível doméstico” (p. 44). Em segundo lugar, a *internacionalização contínua*, caminho onde para as OSCs a ação coletiva transnacional é uma questão de política doméstica, mas que não se limita a campanhas específicas. As OSCs vêm na arena internacional não apenas opção circunstancial, mas como posição de longo prazo para ação política. A terceira categoria é a de *transnacionalização temporária*, caminho no qual as OSCs oscilam entre as escalas doméstica e internacional movimento de “ioiô”. Este é o “caminho para a transnacionalidade” mais comum identificado na obra. A autora chama a atenção para o fato de que estas categorias são dinâmicas. Ou seja, os caminhos podem se combinar. A mudanças de caminhos e a combinação entre eles acarretam dilemas e tensões. O mais importante a ser levantado a ser levantado a noção de que os atores transitam entre o local e o global. Não há um movimento linear. Há atores que operam numa escala planetária, mas seria difícil imaginar atores que não estão ligados ao local de origem, a processos e dinâmicas locais. Pensar local e global sem separá-los e em termos de caminhos parece uma saída frutífera, ainda mais quando se observa na prática que um ator pode ser cosmopolita em termos de direitos humanos e nacionalista em termos de acordos de comércio, ou seja, que doméstico e internacional são categorias relativas a temas, interesses e estratégias dos próprios atores e seus vínculos na ação coletiva transnacional.

<sup>7</sup> O primeiro é a *extensão* de estratégias de formação de alianças e de enquadramentos discursivos. O segundo, a *supressão* de aliados, tópicos, objetivos ou táticas em busca de uma construção de um denominador comum nas pautas críticas. O terceiro mecanismo, bastante evidente na análise de redes executada por von Bülow que mostra como ideias migraram entre os países e atores ao longo do tempo, é o mecanismo da difusão de formas organizacionais e ideias. Por fim, vemos a *transformação* de estratégias de formação de alianças, reivindicações e projetos. A autora coaduna com a visão de Mische (2003) que define mecanismos relacionais “como meios pelos quais os atores manipulam as múltiplas dimensões de suas filiações, identidades e projetos, a fim de construir relações com outros atores” (p. 61).

### **Referências**

KECK, M.; HOCHSTETLER, K. *Greening Brazil*. Environmental Activism in State and Society. Durham (NC): Duke University Press, 2007.

MARQUES, Eduardo C. *Redes sociais, segregação e pobreza*. São Paulo: Editora da Unesp/Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MISCHE, A. Cross-talk in movements: reconceiving the culture-network link. In: DIANI, M; MCADAM, D. (Eds.). *Social movements in networks: relational approaches to collective action*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

*Resenha recebida em: abril/2015*

*Resenha aceita em: junho/2015*

**Lucas Amaral** (agualucas@gmail.com) é doutorando em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB).